

## Criação musical entre crianças: *uma banda como estratégia metodológica de pesquisa*<sup>1</sup>

João Marcelo Lanzillotti<sup>2</sup>

Colégio Pedro II

[joao.lanzillotti@gmail.com](mailto:joao.lanzillotti@gmail.com)

**Resumo:** Esse texto pretende apresentar aspectos metodológicos de uma pesquisa de doutorado que teve como tema a criação musical de crianças. Tendo como objetivo compreender os processos de criação musical como experiência de infância, tal estudo foi realizado numa escola pública federal do Rio de Janeiro com um grupo de oito crianças interlocutoras entre oito e doze anos numa oficina musical na qual tinham como norte a composição de músicas. A abordagem sobre criação procura dialogar com a cultura de modo a apontar a criação na sua dimensão da experiência. Como principal estratégia metodológica foi formada uma banda musical nessa oficina, na qual o pesquisador também atuou como coordenador, implicando-se dessa forma nos diálogos e interações nas atividades musicais. Tomamos como referência teórico-metodológica uma abordagem acerca de alteridade e dialogismo (AMORIM, 2001) e de pesquisa *com* crianças (PEREIRA, 2012), apoiadas no pensamento do filósofo Mikhail Bakhtin. Como principais autores que fundamentam a discussão sobre criação e cultura traz-se Vigotski (2009), Certeau (2012), Chauí (2008) e Bakhtin (2010), assim como, comentários acerca da criança e criação musical coletiva por Green (2012) e Brito (2007). Apresentamos brevemente a construção dessa estratégia metodológica, os sujeitos da pesquisa e alguns aspectos do processo de criação como um todo.

**Palavras-chave:** Criação Musical; Crianças; Estratégia Metodológica.

**Abstract:** This text intends to present methodological aspects of a doctoral research whose theme was the musical creation of children. Aiming to understand the processes of musical creation as a childhood experience, this study was carried out in a federal public school in Rio de Janeiro with a group of eight interlocutors between eight and twelve years of age in a musical workshop in which the composition of songs . The approach to creation seeks to dialogue with culture in order to point to creation in its dimension of experience. As a main methodological strategy a musical band was formed in this workshop, in which the researcher also acted as coordinator, implying in this way in dialogues and interactions in musical activities. We take as a theoretical-methodological reference an approach about alterity and dialogism (AMORIM, 2001) and research with children (PEREIRA, 2012), supported by the thought of the philosopher Mikhail Bakhtin. As the main authors that support the discussion about creation and culture, Vygotski (2009), Certeau (2012), Chauí (2008) and Bakhtin (2010), as well as comments about the child and collective music creation by Green (2012) and Brito (2007). We briefly present the construction of this methodological strategy, the research subjects and some aspects of the creation process as a whole.

---

<sup>1</sup> Texto datado de 2014, como parte das reflexões acerca da pesquisa de doutorado “*Vamos montar uma banda? Um olhar sobre os processos de criação musical de crianças*” e revisado para o presente periódico a *Interlúdio*.

<sup>2</sup> Professor e Coordenador de Educação Musical do Colégio Pedro II - *campus* São Cristóvão I. É Doutor em Educação pela UERJ/ProPEd e Mestre em Musicologia (UFRJ). Atua como guitarrista e violonista. [joaolanzilotti@yahoo.com.br](mailto:joaolanzilotti@yahoo.com.br).

**Keywords:** Musical Creation; Children; Methodological Strategy.

**Resumen:** Este texto pretende presentar aspectos metodológicos de una investigación de doctorado que tuvo como tema la creación musical de niños. Con el objetivo de comprender los procesos de creación musical como experiencia de infancia, tal estudio fue realizado en una escuela pública federal de Río de Janeiro con un grupo de ocho niños interlocutores entre ocho y doce años en un taller musical en el que tenían como norte la composición de canciones. El enfoque sobre la creación busca dialogar con la cultura para apuntar la creación en su dimensión de la experiencia. Como principal estrategia metodológica se formó una banda musical en ese taller, en la cual el investigador también actuó como coordinador, implicándose de esa forma en los diálogos e interacciones en las actividades musicales. Tomamos como referencia teórico-metodológica un abordaje acerca de alteridad y dialogismo (AMORIM, 2001) y de investigación con niños (PEREIRA, 2012), apoyados en el pensamiento del filósofo Mikhail Bakhtin. En el caso de los niños, los niños y las madres que viven en las zonas rurales de la ciudad de Buenos Aires, y Brito (2007). Presentamos brevemente la construcción de esta estrategia metodológica, los sujetos de la investigación y algunos aspectos del proceso de creación como un todo.

**Palabras clave:** Creación Musical; los niños; Estrategia Metodológica.

## Introdução

Este texto é um recorte de uma pesquisa de doutorado que tem como tema a criação musical infantil. Tal estudo mais amplo investiga o processo de criação musical entre crianças, e tem como objetivo *compreender esses processos de criação como experiência de infância*. Pretendo destacar como estratégia metodológica dessa pesquisa a realização de uma oficina musical, sob formato de uma banda constituída por oito crianças interlocutoras da pesquisa entre oito e doze anos. Tal campo de pesquisa situa-se numa escola pública federal do Rio de Janeiro de primeiro segmento.

Como músico e professor dessa área, a construção do objeto de pesquisa partiu da relação que possuo com a música (em especial, a criação musical) e o trabalho com crianças. No campo da música, tanto as atividades profissionais quanto diletantes, a graduação na área e a atuação como professor abrigaram as atividades de criação às quais foi perceptível ambiguidades onde conviviam ao mesmo tempo as especificidades do criar (seu prazer e suas dificuldades) e a inquietude em saber como tal fenômeno ocorre, e principalmente, que implicações estão em jogo nesse processo. Tal inquietude se desdobrava também em questionamento e problematização sobre uma produção nova em termos de reconhecimento social, de como aponta para uma relação entre cultura, criação e (na especificidade dessa pesquisa) também a infância. Qual lugar da criação na cultura? Qual lugar da criação musical infantil na cultura contemporânea?

## Uma breve reflexão acerca de cultura, criação e infância.

Apoiando-se em Michel Certeau (2012) entendo a cultura como um caldo diversificado de práticas e atividades de “marcações” sobre aquilo que os outros lhe disponibilizam para viver e pensar e que assim constituem teias de significados (GEERTZ, 2012). Nesse sentido, diferentemente de uma estrutura unifacetada, cultura configura como uma diversidade de respostas à alguma centralidade semiológica, como *uma proliferação de invenções em espaços circunscritos* (CERTEAU, 2012, p.19). Cultura também é lugar de confronto e constante reapropriação.

Marilena Chauí (2008) ao defender a cultura como *um direito do cidadão, [...] direito de fazer cultura e de participar das decisões sobre a política cultural*, remete à possibilidade de atividades de criação e objetivação de produtos da cultura a todos. Como a própria autora concebe, a cultura também é *trabalho, ou seja, é movimento de criação do sentido, quando a obra de arte e de pensamento capturam a experiência do mundo dado e é ação para dar a pensar, dar a ver, dar a refletir, a imaginar* (CHAUÍ, 2008, p.61).

Pensando esses aspectos da cultura numa universalidade de direitos, subtende-se então uma concepção sobre criação à qual compartilhamos: de que a criação é inerente a todo ser humano e que tal potencialidade deve ser vista mais como regra do que exceção (VIGOTSKI, 2009). Na crítica da autora, entende-se que esse direito em produzir cultura efetivamente não alcança a população na sua maioria, sendo concebida por um pequeno grupo de especialistas ou de “gênios” autores de obras de grandes proporções e ressonância. Fica clara uma desigualdade nas condições de produção, divulgação e circulação entre esses dois polos. Entretanto, tal expropriação não significa que não se faça cultura fora do círculo restrito de especialistas. Em Bakhtin (2010), observa-se um movimento incessante de luta e confronto entre os sistemas ideológicos constituídos (a arte, a moral, o direito, etc.) e uma ideologia do cotidiano (domínio da palavra não fixada num sistema e que acompanha nossos atos e gestos), produções de referência dos sistemas estabelecidos estão em constante contato e atrito com outras produções, que se realizando aos milhares, cotidianamente, não conseguem se estabelecer, salvo condições específicas de reapropriação e ressignificação<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Esse texto foi originalmente concebido no ano de 2014, momento ao qual o volume de produção veiculada, especialmente a de produção audiovisual, era infinitamente inferior ao momento atual, 2018. Dessa forma, deve-se considerar que tais comentários se referiam a um período anterior no qual, principalmente, os controles e possibilidades de veiculação e divulgação ainda se viam restritos a grupos de especialistas. No

No atual momento do século XXI, com os novos mecanismos de produção, novas tecnologias eficientes e com um custo mais acessível do que os antigos equipamentos “profissionais”, assim como, novas redes de distribuição e veiculação da informação (a articulação entre as redes sociais e a web, etc.), o campo da produção de cultura passa a se reconfigurar abrangendo mais possibilidades para além dos dois polos apresentados em princípio como antagônicos. Ainda que essa polarização possa se tornar evidente em determinadas circunstâncias, esses novos elementos nesse contexto de produção nos inquiram a uma constante problematização e revisão.

No que se refere à condição da criança e da infância inseridas nessa perspectiva para a cultura, há de se destacar uma diferença estrutural de produção de cultura. Tal diferença estrutural de produção pode ser lida como o que Castro (2008) denomina de desigualdade estrutural. Numa perspectiva crítica acerca de como a infância tem sido tradicionalmente pensada, a autora explicita uma diferença entre o adulto e a criança na qual o enfoque sobre a criança reforça as suas “faltas”: de conhecimento, de maturidade, de autonomia e de tantos outros aspectos da vida. Tal perspectiva situa e, especialmente, generaliza a criança (e a infância, diga-se passagem) numa situação de inferioridade. Por outro lado, dentro das especificidades de cada faixa etária, a condição de ser criança demanda também por proteção, por resguardos, por apoios para seu desenvolvimento e suporte para a vida cotidiana nas mais diversas ordens.

O debate acerca desses aspectos segue vigente e necessário, da mesma forma que a produção cultural por parte das crianças. Visto a multiplicidade com que a cultura se movimenta e se desdobra, pode-se entender que, está aí também a produção da criança, mas na sua própria condição (nem sempre de aprendiz) na sociedade. O que se pretende é investigar a especificidade dessa produção. Nessa pesquisa buscou-se reconhecer e, especialmente, validar a criação na infância recolocando-a em novo lugar frente ao discurso hegemônico. Que relação existe entre as especificidades dessa produção infantil e uma cultura dita “geral”?

## **A criança na perspectiva dessa pesquisa**

Tomamos como abordagem teórico-metodológica fundamental em nossa pesquisa o paradigma das ciências humanas de Mikhail Bakhtin no qual o objeto tem como

---

entanto, vale destacar que os mecanismos de controle e filtragem ainda existem, em formatos pertinentes, e administrados por grupos que detêm tal poder.

característica essencial ser expressivo e falante. Para Amorim (2001), é em torno da questão da alteridade que se tece grande parte do trabalho do pesquisador e onde se organiza a produção de conhecimentos. Alteridade é entendida como a situação em que *o outro é o interlocutor do pesquisador* (p.22). Dessa forma, possibilita-se uma discussão do lugar social ocupado pelo adulto/pesquisador e pela criança na produção socializada de conhecimento e linguagem (PEREIRA, 2012). Numa pesquisa *com* crianças, implica pensar esses lugares de alteridade experimentados ao longo do processo de pesquisa (p.63). Da mesma forma, entendemos a criança na pesquisa como agente e ator social, detentoras de um saber prático sobre o que é ser criança. Nesse sentido, pensamos a pesquisa como produção de *sentidos específicos para a situação de encontro entre pesquisador e criança* (CASTRO, 2008).

Essas perspectivas de pesquisa demarcam um lugar que nos inclina a lançar um olhar que considerem suas vozes, expressões e sua inteira presença. Partindo de um entendimento da infância enquanto experiência da criança nossa abordagem procura acolher uma perspectiva alteritária que busca levar em consideração a participação das crianças nas representações sobre seus próprios modos de viver, de produzir cultura, em especial a atividade musical.

Entretanto, que ideia de música é essa que estamos a conceber para abordar uma produção dita autêntica<sup>4</sup> das crianças, entendendo que tal produção não ocupa lugar central na cultura, mas sim compartilha ou tende a compartilhar de uma grande massa anônima de criações cotidianas? Há de se considerar que, apesar de sua produção residir nesse lugar, a criança ao criar, reelabora e recombina elementos de sua experiência (VIGOTSKI, 2009). Portanto, antes de mais nada, independente da natureza da música tratada há de se assegurar que esse diálogo e confronto com a cultura acontece de uma forma ou de outra. De um lado, uma possibilidade de produção musical infantil singular, própria e com menos interferência e influência da cultura musical hegemônica (BRITO, 2007). Por outro lado, existe uma demanda comunicativa proveniente do contato com a música *pop* e de massa (GREEN, 2012), e que permeia o cotidiano forjada e veiculada pela indústria cultural ou do entretenimento. Tal embate não se resolve brevemente. É necessário manter essa tensão para compreender o que está para além disso.

---

<sup>4</sup> No sentido de feita por elas mesmas e não por adultos que produzem para crianças a partir do que acham sobre elas.

Nesse sentido, para além de concepções de música que demarcam cada período histórico correspondendo às demandas estéticas de cada momento e que, podem conviver em justaposição, a preocupação desse estudo é situar *a criação musical na experiência de infância*. Entendendo *experiência* como algo que nos passa, nos afeta e nos implica, como diz Jorge Bondia (2002) apoiado no filósofo Walter Benjamin, a música aqui ocupa uma função de promover uma experiência de criação em processo. A música e seu processo de construção aqui são compreendidos como objeto da cultura, objeto esse que recebe as marcas de seu produtor e da época em que surge.

Considerando a criança como sujeito da cultura e a infância enquanto experiência desse sujeito, seus saberes e suas experiências colocam-se no centro das atenções requerendo que aprimoremos nosso modo de apreendê-las, entendê-las e nos posicionarmos frente a elas. Quais sentidos de suas criações? Como suas produções refletem e “refratam” a cultura?

No âmbito da pesquisa, vimos como necessária a criação de um espaço onde pudéssemos promover tal acontecimento, abarcando as tensões provenientes desse movimento da cultura: uma “banda<sup>5</sup>” como espaço próprio de criação, concepção sugerida pelos sujeitos pesquisados em diálogo com o pesquisador.

### **Estratégias metodológicas: “Vamos montar uma banda?”**

Visto que numa etapa exploratória da pesquisa constatou-se dificuldade em capturar com mais apuro a experiência dos processos de criação infantil nas aulas regulares devido a suas inúmeras singularidades<sup>6</sup> concebeu-se como primeira estratégia metodológica buscar um espaço diferenciado para criação musical.

De modo que fosse possível acompanhar os processos de produção, criou-se uma oficina musical com objetivo de dar vazão à criação musical seja na forma de composição de músicas inéditas ou na reelaboração de músicas já conhecidas (novos arranjos, novas leituras). A atividade acontecia no intervalo entre os turnos da escola onde ocorreu a pesquisa. A expressão “*Vamos montar uma banda?*” surge no decorrer de uma enquete acerca dessa oficina e nomeou o projeto constituído de um coletivo de oito crianças. Os

---

<sup>5</sup> Análogo a conjunto musical, o sentido de “banda” aqui se refere aos grupos de música popular muito comum nos gêneros rock, pop e outros relacionados. Nesse sentido, difere das bandas marciais ou sinfônicas que possuem outra dinâmica de funcionamento, organização e estética.

<sup>6</sup> Cumprimento de conteúdos curriculares, número de alunos na turma, tempo decorrido de cada aula, entre outros aspectos da estrutura escolar.

critérios de seleção delas giraram a partir de habilidades musicais consideradas necessárias para objetivarmos um produto “acabado” e dessa forma acompanhar seu processo e experiência; do interesse em participar; e da possibilidade de frequência e assiduidade; aspectos esses expressados em breve entrevista com cerca de sessenta crianças.

Foram realizados vinte encontros que se estenderam de agosto a dezembro de 2012, contando com uma apresentação da produção do grupo. O objetivo era observar, ouvir e dialogar com elas sobre seus processos de criação no decorrer dos encontros, mesmo conscientes da impossibilidade de se saber de antemão quais momentos seriam os mais propícios para se lançar questões. Da mesma forma, nos colocamos receptivos ao surgimento de outras questões não previstas e que poderiam surgir no decorrer das atividades. Buscamos assim assegurar algumas questões centrais ao estudo como, por exemplo, *o que vem a ser criação para vocês? O que levou a se interessarem em participar do grupo? Como se organizam para criar?*

Dessa forma, as intervenções se deram entremeadas na própria prática de pesquisa. A postura metodológica buscada nos encontros consistia em iniciar a gravação a partir da chegada do primeiro integrante; disponibilizar-se para dialogar, tocar junto ou tirar dúvidas, caso fosse necessário; participar mais como um interlocutor do que coordenador – sempre a propor alternativas e a incentivar que decidissem sobre os rumos dos seus trabalhos, e na medida do possível buscar problematizar e destacar alguma questão relevante naquele momento. E por fim, uma conversa de encerramento como um balanço dos acontecimentos da experiência daquele dia.

Entretanto, em vários encontros o andamento dos trabalhos não permitiu que, por exemplo, conversássemos ao final ou que me pusesse somente como interlocutor ou observador, sem precisar deliberar algumas ações. Da mesma forma, algumas situações inesperadas emergiram do próprio processo como conversas informais antes do começo das atividades propriamente ditas, o que foi de imensa valia para melhor compreender suas experiências de vida.

Vale ainda dizer que houve pouca preocupação dos alunos em registrar graficamente as músicas inclusive após propormos e conversamos sobre notação gráfica com eles. Ainda que, em alguns momentos específicos me requisitassem a escrever posições de acordes no violão para consultarem. Realizamos poucas fotos, essas, de notação musical não-convencional e dos manuscritos contendo letra de música, visto que tais informações podem ser difíceis de traduzir ou transcrever. O campo foi registrado em

áudio por dois gravadores e algumas anotações de campo registrando impressões minhas imediatas.

### **As crianças da banda e aspectos do processo de criação**

As oito crianças<sup>7</sup>, e suas respectivas idades, que compuseram a banda foram JV.(11), JY.(12), C.(10), M.(10) e D.(11), alunos do quinto ano e que frequentavam o turno da tarde, e B.(8), J.(8) e K.(9), alunos do terceiro ano, todos do turno da manhã.

O grupo dos mais velhos se mostrou muito interessado em música pop, rock, mpb e samba, e regularmente estão ouvindo música ou assistindo a vídeos musicais pela internet. Em relação a cada um individualmente, JV. além de cantar também fez uso da flauta-doce, violão e teclado, citou familiares que tocam e que são fãs de rock. Com boa capacidade de discussão e bem articulado, ocupou uma posição de liderança no grupo. Por sua vez, JY. frequenta escola de samba mirim e conhece muitos funks da atualidade<sup>8</sup>. Bastante curioso e com personalidade forte, conduziu o grupo algumas vezes e protagonizou diversas situações engraçadas. Explorou bastante instrumentos de percussão<sup>9</sup> e flauta-doce. Já C. tocou principalmente violão. Ouve mpb e rock e tem familiares que tocam amadoristicamente e um tio que é ator. Apesar de tímido inicialmente, se mostrou muito participativo no que se refere aos aspectos musicais e foi um dos que mais “impôs” sua musicalidade, influenciando os colegas. Outra integrante, M. adora cantar, possui como importante referência musical cantoras evangélicas. Decidida, ocupou um lugar na maioria das vezes de cantora principal atentando para questões técnico-musicais de voz. O menino D. toca cavaquinho e percussão em blocos de carnaval. Bastante calado, compareceu a poucos encontros tocando cavaquinho e ocupou o lugar de músico “experiente”. Em alguns momentos demonstrando impaciência com o trabalho coletivo, o que cremos que o desanimou e o fez desistir da oficina.

Do grupo dos mais novos, K. era bem iniciante no violão e gostava muito de rock. Se mostrou como o mais animado de todos, sua presença foi marcante em não querer parar de tocar e sua “fissura” pela guitarra. Contribuiu bastante musicalmente e quase sempre chegava mais cedo. Por sua vez, J. gosta de diversos estilos musicais. Cantou e tocou alguns instrumentos de percussão. Faltou diversas vezes e se mostrou também

---

<sup>7</sup> Das quais alguns foram meus alunos em turma.

<sup>8</sup> Essa etapa da pesquisa de campo se deu no ano de 2012.

<sup>9</sup> Considera-se aqui tambores, pandeiros, chocalhos, xilofones, reco-reco e triângulos.



bastante impulsiva. Ocupou um lugar de mais inexperiente onde os outros evitavam um pouco tocar e interagir com ela. Ambos adoram cantar e frequentavam o coro infantil do colégio. Já B. frequenta o grupo de flautas e o coro infantil, ambos do colégio, e possui um irmão músico profissional (saxofonista) ao qual se refere a maior parte do tempo. Constantemente solicitava atenção para suas ideias e opiniões. Tocou flauta-doce, teclado e pandeiro.

Para a maioria, a participação na oficina foi a primeira experiência de participar de um grupo musical. Em termos de objetivo e condições de produção, há de se considerar que essa experiência proposta de um grupo musical difere substancialmente das aulas regulares de música que contempla todas as turmas do colégio e também difere dos coletivos musicais extraclasse, como grupo de flautas e coro infantil.

Podemos reconhecer três momentos significativos no processo de criação na medida em que permitiram observar com mais atenção alguns elementos estruturantes nesse processo. Um primeiro momento constituiu-se nos primeiros encontros caracterizando-se por ações de experimentação, conhecimento do grupo, pouco diálogo e muita prática musical. Destacou-se uma necessidade de experimentar instrumentos de modo a explorá-los intensamente e a repetir inúmeras vezes um mesmo gesto musical. Um segundo momento que chamou a atenção se deu por volta do sétimo e oitavo encontros caracterizando-se por um trabalho concentrado na construção de canções. Com uma familiaridade maior entre os membros, também em termos musicais, resolveram se dividir em dois grupos com o intuito de conseguir concluir uma música autoral. De fato, a produção avançou significativamente e pode-se acompanhar o trabalho de uma dupla discutindo e dando forma à sua canção ao mesmo tempo em que estavam receptivos àquilo que é imprevisto e inesperado no processo de criação e ao irromper de ideias. Um terceiro momento significativo foi percebido nos últimos encontros, onde trabalharam basicamente sobre música instrumental, individualmente ou em duplas.

Após a apresentação pública do grupo inteiro (décimo quinto encontro), a frequência se tornou bastante irregular no período final. Pôde-se perceber diferentes entendimentos sobre criação que instauraram questões, como por exemplo, *repetir uma música é criar música?*, e momentos de tensão entre seguir um combinado coletivo da oficina (hora para terminar) ou deixar o impulso criativo tomar conta e fluir.

No processo como um todo, cito alguns aspectos que mais se destacaram e que se mostraram acentuados no segundo e no terceiro momento, aspectos que se apresentaram como potenciais categorias a serem exploradas no decorrer das análises da pesquisa:

ponto de início dos trabalhos a partir de repertório conhecido; “suplícios” da criação<sup>10</sup>; autonomia na organização para criar; intercâmbio de técnica e ensino-aprendizado; movimento oscilante das condições de produção (uma banda, muitas bandas; muitas bandas, uma banda).

### **O que podemos destacar dessa estratégia metodológica proposta?**

Ainda que inicialmente, a maneira como a banda se organizou proporcionou a surgimento de uma grande quantidade de informações e de sentidos nas interações através das atividades musicais. Foi revelado nos diálogos que participar de uma banda corresponde a uma espécie de “utopia”, de vivenciar no presente uma projeção de futuro sem deixar de olhar o passado.

Outra particularidade foi uma significativa implicação do pesquisador no processo. O lugar social ocupado pelo pesquisador acumulou o de coordenador da oficina, o de professor de música naquele contexto e também o de músico/parceiro na prática musical do grupo.

Tal implicação se apresentou como um desafio, pois ao mesmo tempo em que era possível ter acesso a uma intimidade e uma abertura espontânea de diálogos acessando assim diversas experiências de infância e construindo sentidos em parceria, havia também uma preocupação em não se perder a estranheza necessária à investigação requerendo uma atenção constante em relação aos presumidos<sup>11</sup> entre eu e as crianças.

Como um aspecto da cultura musical contemporânea que possui um reconhecimento social, pode-se compreender que uma banda enquanto estratégia metodológica oferece múltiplas possibilidades de abordagem potencializando a experiência em torno da música através de uma produção coletiva.

Essas observações refletiram um momento da pesquisa ao qual se encontrava a construção de dados. Da mesma forma, as reflexões sobre essa estratégia metodológica ainda se encontravam prenes de exploração no que se refere aos seus limites e possibilidades de se conhecer a produção musical entre crianças.

---

<sup>10</sup> Termo apresentado por Vigotski (2009) ao se referir às dificuldades e sofrimentos de diferentes ordens, assim como possibilidades limitadas de desenvolvimento criativo.

<sup>11</sup> *Presumido* é compreendido nessa abordagem de pesquisa como o conjunto de aspectos que o pesquisador já conhece ou tem como verdade antecipadamente ao momento do encontro com os sujeitos da pesquisa e sobre o campo.

## Referências

- AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Fratesci Vieira. 14ªed. São Paulo: Huditec, 2010.
- BONDIA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp. 20-28.
- BRITO, Teca A. *Por Uma Educação Musical Do Pensamento: Novas Estratégias De Comunicação*. (tese de doutorado). Doutorado em comunicação e semiótica. PUC – SP. 2007. 297 fl.
- CASTRO, Lucia Rabello de. Conhecer, transformar (-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In: \_\_\_\_\_ & BESSET, Vera Lopes (orgs.). *Pesquisa-intervenção na infância e na juventude*. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2008, p.21-42.
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. 7ªed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. *En: Crítica y emancipación : Revista latinoamericana de Ciencias Sociales*. Ano1, no. 1 (jun. 2008- ). Buenos Aires : CLACSO, 2008. Disponível em : <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>>. Acesso em: 1º. Jul.2018
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1ªed. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- GREEN, Lucy. *Music, Informal Learning and the School: A New Classroom Pedagogy*. U.K: Ashgate, 2012.
- PEREIRA, Rita R. Pesquisa com crianças. In: PEREIRA, Rita; MACEDO, Nélia (orgs). *Infância em pesquisa*. Rio de Janeiro: Ed. Nau, 2012. p.59-86.
- VIGOTSKI, Lev. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores/Lev Semionovich Vigotski*. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.